

Apresentação

Kathrin Holzermayr Rosenfield
UFRGS

Lawrence Flores Pereira
UFSM
Brasil

Este é o próximo número de *Philia&filia* estão dedicados à obra de J. M. Coetzee, abrindo um espaço interdisciplinar de reflexão sobre a arte e as idéias do autor. As contribuições dos colegas de diferentes países iluminam sob ângulos diversos as relações dos romances com a ética, a política e a expressão artística na África do sul e no mundo.

J.M. Coetzee não é apenas mais um Prêmio Nobel de literatura. É também um pensador agudo da atualidade, e seu olhar crítico para outros escritores e pensadores surpreende pela precisão e por uma intuitiva generosidade. “Durante os anos que passei como professor de literatura, orientando jovens em excursões por livros que sempre significavam mais para mim do que para eles, eu me reanimava dizendo a mim mesmo que no fundo eu não era um professor, mas um romancista.” – diz Senhor C, o narrador-ensaísta do romance *Diário de um ano ruim*. O personagem que reflete, como todas as figuras de Coetzee, alguns traços autobiográficos do autor. A posição híbrida – entre pensador e poeta – salta aos olhos quando o Senhor C continua: “Mas agora os críticos entoam um novo refrão. No fundo ele não é romancista, dizem, mas um pedante que se mete a fazer ficção.” (Diário 203)

Como seu personagem Senhor C, Coetzee é um artista-pensador que transforma a aridez do pensamento abstrato em enredos, imagens e impressões sensíveis, sem perder o rigor da reflexão – e sem perder um amplo público entusiasmado – inclusive no universo de língua inglesa! Isto é uma façanha, pois cabe lembrar, como o fez

George Steiner a propósito de Musil, que a intrusão do pensamento filosófico não é apreciada no mundo da crítica literária Anglo-Saxã. Muito pelo contrário, tem má fama de esoterismo germânico. Mesmo assim, Coetzee que lutou para fazer do Inglês sua língua “materna” e cujas paixões juvenis são Eliot e Pound, jamais nega nem esconde seu forte pendor pelo pensamento sistemático, pela precisão matemática, pela ordem.

“A verdade é que nunca fui um boêmio, nem na época nem agora. De coração sempre fui um sobrietão, se é que tal palavra existe, e, além disso, alguém que acredita na ordem, no método.” (Diário de um ano ruim, p. 204)

Coetzee confere aos seus personagens o papel de expressar opiniões e de encarnar posturas a respeito de temas delicados – teorias da cultura e do estado, da economia e da sociedade confrontados com a questão da justiça, direitos humanos e direitos dos animais, concepções do homem, do corpo e da alma, etc. A riqueza deste pensamento desafia os intelectuais das diversas áreas, e os dois números de *Philia&Filia* iniciam um debate crítico dessa obra particularmente sugestiva para o leitor brasileiro.

2

Apresentação

Kathrin H.
Rosenfield
&
Lawrence
Flores
Pereira